**Festivais e Flores: Brasil e Portugal (1964-1975)**

José Fernando S. Monteiro[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

Desde sempre as flores permeiam a imaginação dos poetas e destes se irradia para os letristas de canções que as cantam tanto quanto às suas musas ou ao amor. Nos festivais da canção isso não é diferente e muitas são as canções que tem as flores por tema ou que a elas fazem menção, no Brasil e também em Portugal. Tendo em conta os festivais da canção destes dois países, nomeadamente, os Festivais da MPB e os Festivais da RTP, vemos muitas canções com referências às flores, das mais diversas. Maysa cantou Dia das Rosas, no Festival Internacional da Canção (FIC), de 1966, no mesmo ano, Roberto Carlos defendia Flor Maior, no II Festival da TV Record, e Gutemberg Guarabyra encantou a todos com Margarida, no FIC do ano seguinte. Em 1968, Geraldo Vandré atingiu o auge da canção de protesto entoando Pra não Dizer que não Falei das Flores, no III FIC, enquanto Taiguara vencia o III Festival da TV Excelsior com Modinha, cantando: “olho a rosa da janela”. Já em 1972, Luli & Lucina levaram Flor Lilás para o palco do VII FIC. Do lado português temos Simone de Oliveira, cantando uma “primavera em flor”, em Sol de Inverno, apresentada em 1965, Flor Bailarina, interpretada por Lilly Tchiumba, no Festival RTP de 1969, Flor sem Tempo, cantada por Paulo de Carvalho, em 1971, e, no mesmo ano, o grupo Efe 5 apresenta Rosa, Roseira. Em 1974 eclode a Revolução dos Cravos, momento em que esta flor toma o lugar das balas nos canos das espingardas dos soldados e, como não poderia deixar de ser, a Revolução e o cravo vermelho, que se tornou seu símbolo, são os principais temas das canções a concurso no festival português de 1975, a exemplo da vencedora, Madrugada, interpretada por Duarte Mendes, que cantava a “arma-flor”, com um cravo vermelho na lapela, no Eurovisão, ou Com uma Arma, Com uma Flor, apresentada por Paulo de Carvalho. Deste modo, vemos que as flores estiveram dentre os temas preferidos do cancioneiro apresentado nos festivais tanto do Brasil quanto de Portugal, seja de forma simples e singela, como corriqueiramente se faz referência às flores, seja relacionadas a momentos turbulentos como uma ditadura ou uma revolução.

**Palavras-chave**

Flores; Festivais da Canção; Brasil; Portugal; Música Popular.

As flores sempre fizeram parte do imaginário poético e, igualmente, fazem parte do ideário dos letristas que constituem o cancioneiro popular, universalmente e aqui, em especial, no Brasil e em Portugal. Dentro dos festivais da canção isso também ocorre e com bastante frequência. As flores estão presentes nas canções e são tema comum, tanto quanto as musas inspiradoras dos autores ou mesmo o amor, este último tema maior dos poetas e cancionistas. As flores são retratadas de forma poética, simples, singela, mas também atreladas à conflitos e revoluções, ora marcando o antagonismo entre fragilidade e força, ora simbolizando a luta em si, como procuraremos demonstrar.

**Festivais da MPB**

O primeiro festival de repercussão nacional no Brasil foi o I Festival Nacional de Música Popular Brasileira, realizado pela TV Excelsior, em 1965, em que venceu *Arrastão* (Edu Lobo/ Vinícius de Moraes), defendida por Elis Regina, e já ali as flores estavam presentes com *Flor da Manhã* (Adilson Godoy), na voz de Alaíde Costa. Na segunda edição do Festival da TV Excelsior, em 1966, novamente encontramos as flores em *Primavera em Flor* (?), com interpretação de Expedito Baracho, em *Rancho da Rosa Encarnada* (?), interpretada por Antônio Borba, e em *Balança a Roseira* (?), com Flora Purim.

Também em 1966, a TV Record realiza o II Festival da Música Popular Brasileira e as flores aparecem em *Flor Maior* (Célio Borges Pereira), defendida por Roberto Carlos, e em *A Banda* (Chico Buarque), interpretada por Nara Leão, em que se fala: “A rosa triste que vivia fechada se abriu”. *A Banda* venceu o festival, empatando em primeiro lugar com *Disparada* (Geraldo Vandré/ Théo de Barros), mas Chico Buarque ainda foi convidado para presidir o júri do I Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro (FIC) e reapresentou a canção para o público do festival, inclusive artistas e convidados estrangeiros.

No I FIC as flores também foram cantadas, como em *Flor no Chão* (Raul Mascarenhas/ Haroldo Barbosa), por Helena de Lima, e em *Dia das Rosas* (Luís Bonfá/ Maria Helena Toledo), por Maysa, na qual ouvimos: “Hoje é dia das rosas/ Que enfeitam formosas/ Amores se unindo/ Num lindo jardim/ [...]/ Rogo em nome das flores/ Irmãs dos jardins/ Eu proclamo você/ A rainha de nós/ E em todas as cores/ Você foi capaz/ De trazer pra essa gente/ Um mundo de paz”.

No III Festival da TV Record, em 1967, Roberto Carlos defende *Maria, Carnaval e Cinzas* (Luiz Carlos Paraná), trazendo os versos: “Que fosse chamada então como tantas/ Marias de santas, Marias de flor/ Em vez de Maria, Maria somente/ Maria semente de samba e de dor”. Ainda neste festival temos *Uma Dúzia de Rosas* (Carlos Imperial), interpretada por Ronnie Von, que se apresentou com um buquê nas mãos, e Gilberto Gil, em *Domingo no Parque* (Gilberto Gil), também canta uma “rosa”, que primeiro está na mão de Juliana e depois girando na mente do “José brincalhão”.

No mesmo ano, no II FIC, Gutemberg Guarabyra, que venceu o festival, interpretou *Margarida* (Gutemberg Guarabyra): “Apareceu a Margarida, olê, olê, olá/ Apareceu a Margarida, olê, seus cavaleiros”. Tamanha foi a popularidade da canção, que no Rio de Janeiro a margarida ficou bastante em alta, se tornando moda na cidade, sem falar que o Maracanãzinho se encheu de faixas e cartazes com desenhos da flor. Com o terceiro lugar ficou *Carolina* (Chico Buarque), em que Cynara e Cybele cantavam: “Lá fora, amor/ Uma rosa nasceu/ Todo mundo sambou/ Uma estrela caiu/ [...]/ Lá fora, amor/ Uma rosa morreu/ Uma festa acabou/ Nosso barco partiu”. E no mesmo festival foi apresentada *O Tempo da Flor* (Francis Hime/ Vinicius de Moraes), interpretada por Cláudia.

Em 1968, enquanto o Brasil enfrentava o recrudescimento do regime militar, no III FIC o discurso político se exacerbava e as flores servem para subliminar a linguagem direta das canções, tanto quanto para simbolizar a leveza e a paz pretendida em meio aqueles tempos sombrios. Na eliminatória paulista, Maranhão canta *Dança da Rosa* (Maranhão), e Geraldo Vandré apresenta a revolucionária *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores* (Geraldo Vandré), findando em segundo lugar no certame, apesar dos versos diretos da canção: “Pelos campos há fome em grandes plantações/ Pelas ruas marchando indecisos cordões/ Ainda fazem da flor seu mais forte refrão/ E acreditam nas flores vencendo o canhão/ [...]/Os amores na mente, as flores no chão/ A certeza na frente, a história na mão”. A flor aparece também em *Canção do Amor Armado* (Sérgio Ricardo), como vemos nos versos: “Se eu fosse algum plantador/ Te acalantava com a flor/ [...]/ Só trago a foto da flor/ Que o beija-flor recusou/ E a terra em canto minguante/ Refrão de guerra crescente/ Armado eu vim só de amor”; e nos versos fortes de *América, América* (César Roldão Vieira): “As flores do meu vale/ Vão se abrir cheirando sangue vivo/ América, América, América, América”. A vencedora deste FIC, *Sabiá* (Chico Buarque/ Antônio Carlos Jobim), interpretada por Cynara e Cybele, apesar de destacar a figura do pássaro que dá nome à canção, também referencia as flores: “Vou voltar/ Sei que ainda vou voltar/ Vou deitar à sombra/ De uma palmeira/ Que já não há/ Colher a flor/ Que já não dá”.

No mesmo ano, a TV Excelsior realiza o seu terceiro e último festival, em que saiu vencedora a canção *Modinha* (Sérgio Bittencourt), com interpretação de Taiguara, cantando os versos: “Olho a rosa na janela/ Sonho um sonho pequenino/ Seu eu pudesse ser menino/ Eu roubava essa rosa/ E ofertava todo prosa/ À primeira namorada”. Também em 1968, a TV Record realiza o seu IV festival, e as flores surgem em *Rosa da Gente* (Dori Caymmi/ Nelson Motta), na voz de Beth Carvalho, e na vencedora, *São, São Paulo, Meu Amor* (Tom Zé), composta e cantada por Tom Zé, que fala de “flores de concreto”, que crescem em “céu aberto” e “ninguém vê”.

No IV FIC, em 1969, a canção vencedora foi *Cantiga por Luciana* (Edmundo Souto/ Paulinho Tapajós), defendida por Evinha, uma valsinha em forma de acalanto, a qual, em sua letra, falava do nascimento de uma criança, que “nasceu, na paz de um beija-flor/ em verso, em voz de amor/ [que] já desponta, aos olhos da manhã/ pedaços de uma vida/ que abriu-se em flor”. Em *Juliana* (Antônio Adolfo/ Tibério Gaspar), que ficou com o segundo lugar, as flores são lembradas nos versos: “Botão de rosa perfumosa e linda/ Tão menina ainda a desabrochar/ [...]/ E a poesia então fez moradia/ Na roseira vida que se abria em par/ Entre suspiros junto à ribeira/ Juliana viu o amor chegar”. E neste IV FIC as flores também aparecem em *Flor, Manequim, Depois Mulher* (Taiguara).

No ano seguinte, no V FIC, em que houve predomínio da *soul music*, Wanderléa, interpreta o xaxado-*soul* *A Charanga* (Wanderléa/ Dom) trazendo os versos: “Eu comprei, eu comprei/ Uma charanga velha que encontrei/ [...]/Cabe minha margarida/ Todo dia de sol eu vou rodar pela avenida/ Oi lá não tem subida”.

Já em 1972, no VII e derradeiro FIC, em que o *rock* e o experimentalismo tomam conta do festival, Luli & Lucina interpretam *Flor Lilás* (Luli), falando de um despertar de consciência representado pela flor-título da canção, como denota a letra: “Eu tenho medo de um dia acordar/ Tenho medo de um dia perder a santa inocência/ Eu tenho medo de um dia encontrar/ Tenho medo de me encontrar/ Eu tenho medo que um dia/ Na ponta de cada fio/ De cada cabelo da minha cabeça/ Brote uma flor lilás”.

**Festivais RTP**

Em 1964, a Radiotelevisão Portuguesa (RTP) realiza o I Grande Prémio TV da Canção, e já neste primeiro festival temos *Minha Luz Brilhou* (João Andrade Santos/ Manuela de Moura Sá Teles Santos), em que Gina Maria fala de uma caminhada “sozinha na vida”, “na manhã do mais lindo arredor, à procura na estrada florida”.

No ano seguinte, Simone de Oliveira é a vencedora interpretando *Sol de Inverno* (Nóbrega e Sousa/ Jerónimo Bragança), em que canta, na introdução: “Sabe Deus que eu quis, contigo ser feliz/ Viver ao sol do teu olhar, mais terno/ Morto o teu desejo, vivo o meu desejo/ Primavera em flor ao sol de Inverno”. Já em 1966, em *Caminhos Perdidos* (Jaime Filipe/ Tavares Belo/ António de Sousa Freitas), interpretada por Madalena Iglésias, se fala: “E rosas mandarei/ Também p’las ondas sem saber”.

Em 1967, Eduardo Nascimento interpreta *Um Homem Só* (José Pereira Mesquita/ Francisco Nicholson) que: “Vê uma flor surgindo ao sol/ Uma criança além correr/ Gritos de luz são já sol-pôr/ Viver é amar para quem entender”. No mesmo festival António Calvário canta *Vencerás* (Carlos Canelhas/ Luís Simão) em que proclama: “Vencerás quando quiseres cantar/ P’ra esquecer talvez alguma dor/ E enquanto houver no teu olhar/ Brilho a anunciar Primavera em flor”. E no Grande Prémio TV de 1968, Mirene Cardinalli interpreta *Vento Não Vou Contigo* (Pedro Jordão/ Rui Malhoa) trazendo os versos “Ventos não queiram levar-me p’ra longe/ P’ra jardins onde as flores não sabem rir/ P’ra céus sem asas que cruzem azuis/ Vento não vou partir”.

*Desfolhada* (Nuno Nazareth Fernandes/ José Carlos Ary dos Santos), a grande vencedora de 1969, na voz de Simone de Oliveira, que rompeu com a estética e a poética das canções apresentadas nos festivais até então, ao se referir ao amor carnal, proibitivo nos tempos do salazarismo, trazia os versos: “É milho rei, milho vermelho/ Cravo de carne, bago de amor/ Filho de um rei que sendo velho/ Volta a nascer quando há calor”. Neste mesmo festival, Lilly Tchiumba fala de uma *Flor Bailarina* (Maria Guiomar Garcia/ António Leitão), uma flor que dança, como se evidencia já nas estrofes iniciais: “Colhi uma flor no pátio da escola/ Beijei-lhe a corola tornou-se maior/ Depois dá-lhe a brisa nas pétalas mansas/ E a flor improvisa um ramo de danças/ Só morre quem nega na vida o amor/ A mim já me alegra colher uma flor”. E em *Os Fios da Esperança* (Fernando Poitier/ Fernando Vieira), Daniel canta: “Cada sonho que em nós se enraíza/ Só dá flor se a raiz formos nós”. Pertencendo as flores ao imaginário poético, elas não poderiam faltar em *Canção Para Um Poeta* (Carlos Canelhas/ Maria Amália Ortiz da Fonseca), interpretada por Madalena Iglésias, na qual vemos: “Fosse eu a flor mais delicada/ Que do mundo se perdeu/ E algum dia em teus versos/ Se encontrou”.

No primeiro Festival RTP a não eleger uma concorrente para o Eurovisão, em 1970, Duarte Mendes, em *Então Dizia-te* (Fernando Tordo/ Jaime Queimado/ Vítor Manuel de Oliveira Jorge), compara sua amada a uma colina, na qual se “demora o intenso fulgor”, e pede: “Fica junto a mim e permaneces/ Até de novo o campo dar flor”. No mesmo festival, em *Canção de Madrugar* (Nuno Nazareth Fernandes/ José Carlos Ary dos Santos), Hugo Maia de Loureiro também fala da mulher amada, vestida de “linho” e enfeitada com “nardos”. As rosas também são lembradas nesta canção, na mesma estrofe em que se referencia os poetas: “Dei do meu sonho uma corda de insónias/ Cravei meus braços com setas/ Descobri rosas, alarguei cidades/ E construí poetas”. No momento em que o telurismo se acentuava nas letras das canções, o grupo Intróito apresenta *Verdes Trigais* (Fernando Poitier/ Fernando Vieira), canção de tom crítico, que entre “carumas” e “trigais” fala: “Em rancho, tal o rio/ Que não corre em vão/ A esperança que ceifastes/ É flor na vossa mão”. Para além das flores do campo, a canção que venceu o festival, na voz de Sérgio Borges, *Onde Vais Rio Que Eu Canto* (Nóbrega e Sousa/ Joaquim Pedro Gonçalves), falava de “flores de vida”: “Vai no mar barco à vela/ Vai de paz se abastecer/ Mais além barco veleiro/ Flor da vida vai colher”. Na inocente *Corre Nina* (Pedro Osório/ José Carlos Moura Portugal Sobral), com interpretação Paulo de Carvalho, fala de uma “menina prendada”, “mimada”, com “saia arrebitada”, que: “Só deseja favores/ Das flores de andorinha/ Do mar e mais amores/ Do chiar da carrinha/ Só deseja favores”.

Em 1971, no mais bucólico dos festivais portugueses, são muitas as canções que se referem à natureza, ao campo e, consequentemente, às flores. Daphne, interpretou *Verde Pino* (Nuno Rodrigues), que retrata uma jovem pastora, uma “menina feita desde papoilas”. Um pastora também é tema da canção que venceu o festival, *Menina do Alto da Serra* (Nuno Nazareth Fernandes/ José Carlos Ary dos Santos), interpretada por Tonicha: “Menina do riso aos molhos/ Minha seiva de pinheiro/ Menina de saia aos folhos/ Alfazema sem canteiro/ [...]/ Menina de fato novo/ Avé-maria da terra/ Rosa brava rosa povo/ Brisa do alto da serra”. A “rosa”, por sua vez, também é tema de *Rosa Roseira* (Fernando Poitier/ Fernando Vieira), apresentada pelo gupo Efe 5, que, em tom de protesto, associava as flores ao povo, que não deve perder suas raízes, como identificamos nos versos: “Foste arrancar da roseira/ A rosa mais encarnada/ Flor da raiz arrancada/ Já não é flor verdadeira/ É qualquer coisa infeliz/ Já sem frescura e sem cor/ A flor só quer dizer flor/ Se está bem presa à raiz”. Uma flor também é tema da canção interpretada por Paulo de Carvalho, *Flor Sem Tempo* (José Calvário/ José A. Sottomayor), no que seria a personificação de uma mulher de ritmo de vida moderno: “Na mesma rua, da mesma cor/ Passava alegre, sorria amor/ Amor nos olhos, cabelo ao vento/ Gestos de prata, de flor sem tempo/ É dela o mundo, é a certeza de viver/ Canta o sol, que tens na alma/ És a flor de ser feliz/ Olha o mar da tarde calma/ Ouve o que ele diz”.

No festival de 1972, marcado por ter apenas vozes masculinas, na canção de maior tom folclórico, *Vem o Caminheiro* (Rui Serôdio/ Joaquim Pedro Gonçalves), Manuel Vargas também se referia às flores: “De longe, longe vem o caminheiro/ Um dia novo, um novo dia traz/ Traz no olhar a lonjura de céu/ Um novo tempo instante de paz/ A cada flor que nasceu”. A canção que venceu o festival, *A Festa da Vida* (José Calvário/ José Niza), cantada por Carlos Mendes, com sua poesia direta, contra os faustos do regime marcelista e reproduzindo a Santa Ceia, também lembrava as flores: “E a festa dure até ser dia/ Que não se privem nas despesas/ Afastem todas as tristezas/ Pão, vinho e rosas sobre as mesas”.

O Mini Pop, grupo infantil que se apresentou no Festival RTP de 1973, em *Menina de Luto* (Carlos Canelhas/ António de Sousa Freitas), descreve uma “menina de rua”: “Menina bonita/ Sem rosas na boca/ Menina tristeza/ De vida tão pouca”. A canção que venceu o festival, *Tourada* (Fernando Tordo/ José Carlos Ary dos Santos), interpretada por Fernando Tordo, crítica e de humor ácido, associava as touradas ao regime de Marcelo Caetano, elencando uma série de elementos que compõem o espetáculo tauromáquico, incluindo o “cravo”: “Entram espadas, chifres e derrotes/ E alguns poetas/ Entram bravos, cravos e dichotes”. Tordo também interpreta *Carta de Longe* (Fernando Tordo/ José Carlos Ary dos Santos) e novamente traz as flores, desta vez uma rosa: “Eu trago no peito/ A rosa vermelha/ Da nossa carícia/ Da minha centelha/ A pétala de ontem/ A música de hoje/ Perfeita!”.

A rosa foi o tema também da canção composta e interpretada por José Cid no ano seguinte, *A Rosa Que Te Dei* (José Cid), em que diz: “E a rosa que te dei/ Não foi criada num jardim/ Por isso tinha mais/ Significado para mim/ A rosa que te dei/ Era uma terna e simples flor/ Que fez nascer em nós/ Um grande amor”. Na emblemática canção que venceu o festival de 1974, interpretada por Paulo de Carvalho, *E Depois do Adeus* (José Calvário/ José Niza), um dos gatilhos para o avanço das forças armadas na Revolução de Abril, também aparece uma flor: “Tu viste em flor/ Eu te desfolhei/ Tu te deste em amor/ Eu nada te dei/ [...]/ Tua ausência em mim/ Tua paz que perdi/ Minha dor que aprendi/ De novo vieste em flor/ Te desfolhei...”. E em *Canção Solidão* (José Drummond), Helena Isabel também lembra as flores: “Tempos de então, saudades p’ra esquecer/ Dores de doer são flores duma canção”.

Na Revolução de Abril, eclodida em 1974, os cravos distribuídos por floristas foram postos nos canos das espingardas dos soldados, dessarte o movimento das forças armadas, que resultou na derrubada do Estado Novo, ser também conhecido como Revolução dos Cravos. Em 1975, todas as canções a concurso no Festival RTP versavam sobre a Revolução, por conseguinte, também sobre o cravo vermelho, ou a “arma-flor”, como vemos na canção que venceu o certame, *Madrugada* (José Luís Tinoco), com intepretação de Duarte Mendes, um dos capitães do movimento de Abril, que representou Portugal no Festival Eurovisão, onde se apresentou com um cravo na lapela. Outra canção que, notadamente, aludiu ao cravo como símbolo da Revolução foi *Com Uma Arma, Com Uma Flor* (José Niza), interpretada por Paulo de Carvalho, que finaliza com a estrofe: “Da raiva e da dor/ Do suor sem terra/ Deste dó maior/ Do lucro e da guerra/ Das armas em flor/ Nasceram razões/ Nasceram abraços/ Nasceram canções/ Nasceram bandeiras/ Da cor deste sangue/ Que temos nas veias/ Que temos na carne/ Nasceu meu país/ Meu país criança/ Em abril, abril/ Tempo de mudança/ Meu povo, raiz/ D’um cravo de esperança”. Isso também ocorre em *Canção Acesa* (Rita Olivaes), cantada por Vítor Leitão, em que o florescer equivale à liberdade conseguida: “Assim chegou a primavera/ Naquela rubra manhã de amor/ Em que a cidade transparente/ Se abriu como uma flor”. Em *Viagem* (Nuno Nazareth Fernandes/ Gisela Branco), que teve interpretação de Jorge Palma, a flor também se associa à liberdade, agora personificada e equiparada a uma mulher, como demonstram os seguintes versos: “Não vende nada o que tem é para dar/ Agora é mulher/ Já não é flor pisada/ [...]/ Vais ter orgulho no teu nome de mulher/ Agora estás de pé/ Já não és flor pisada/ [...]/ Rompeste as grades do teu jardim-prisão/ Agora estás de pé/ Agora és mulher/ E o teu nome é liberdade!”.

**Conclusão**

Vemos que as flores estiveram entre os poemas das canções apresentadas nos festivais, sendo tema frequente e até principal destas canções, demonstrando como as flores e sua notada natureza poética servem às letras para variados fins, desde uma singela e delicada referência, de forma romântica, às próprias flores ou a estas oferecidas às mulheres amadas, até como símbolos de revolução ou sinônimo de liberdade. Se pensássemos em jardins, primavera, folhas, árvores, raízes, estenderíamos ainda mais os exemplos, entretanto, o importante é percebermos como as flores, que sempre pertenceram ao imaginário dos poetas, também adentram o ideário dos letristas e com estes os festivais.

**Referências**

CASTELO-BRANCO, Salwa (dir.). **Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX**. 4 vols. (A-C, C-L, LP, P-Z). Lisboa: Círculo de Leitores/ Temas e Debates, 2010.

MANGORRINHA, Jorge. **Festival RTP da Canção: Uma história de 50 anos (1964-2014)**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2014.

MELLO, José Eduardo (Zuza) Homem de. A Era dos Festivais: Uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.

MONTEIRO, José Fernando S.. **Festivais RTP e Festivais da MPB: Entre a tradição e a modernidade (1964-1975)**. Seropédica: UFRRJ, 2020. 467 pp. Doutorado (Tese) – Departamento de História e Relações Internacionais, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2020.

SEVERIANO, Jairo. **Uma História da Música Popular Brasileira: Das origens à modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2008.

1. Pós-Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com período sanduíche na Universidade de Lisboa, possibilitado pela bolsa concedida pela Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). [↑](#footnote-ref-1)